

SOBRECARGA EMOCIONAL EM CUIDADORES INFORMAIS DE PESSOAS COM DOENÇA DE ALZHEIMER: IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL E NECESSIDADE DE SUPORTE

**EMOTIONAL OVERLOAD IN INFORMAL CAREGIVERS OF PEOPLE WITH
ALZHEIMER'S DISEASE: IMPACTS ON MENTAL HEALTH AND THE NEED
FOR SUPPORT**

Ciências Humanas • 23/10/2026

REGISTRO DOI: [10.70773/revistatopicos/792553765](https://doi.org/10.70773/revistatopicos/792553765)

Hemylli Santos Medrado¹

Amanda Jennyfer Coelho Costa²

RESUMO

A Doença de Alzheimer é uma condição neurodegenerativa progressiva que exige cuidados contínuos, frequentemente assumidos por familiares sem preparo técnico ou suporte adequado, o que pode gerar sobrecarga emocional e afetar a saúde mental, a qualidade de vida e as relações dos cuidadores informais. Este estudo tem como objetivo geral analisar a sobrecarga emocional vivenciada por cuidadores informais de pessoas com Doença de Alzheimer, considerando seus impactos psicossociais e a necessidade de suporte; como objetivos específicos, pretende-se identificar os fatores relacionados à sobrecarga, descrever seus impactos psicossociais e discutir possibilidades de suporte psicológico, psicossocial e institucional. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e caráter descritivo, realizada mediante análise de produções científicas e documentos institucionais relacionados ao tema, selecionados a partir de busca em bases de dados e periódicos das áreas de saúde e psicologia, com recorte temporal definido e critérios de inclusão previamente estabelecidos. A literatura analisada indicou que a sobrecarga emocional dos cuidadores informais é multidimensional, envolvendo demandas práticas e repercussões subjetivas como tristeza, ansiedade, desamparo e luto antecipatório, além de estresse, isolamento social e prejuízos na vida profissional e no autocuidado. Quanto ao suporte, os estudos destacaram o aconselhamento psicológico, grupos de apoio, psicoeducação e acompanhamento multiprofissional como estratégias relevantes, embora as políticas públicas brasileiras voltadas a essa população ainda sejam limitadas. Concluiu-se que a sobrecarga emocional de cuidadores informais de pessoas com Alzheimer constitui um problema de saúde pública que demanda reconhecimento institucional e ampliação de serviços de suporte psicológico e

psicossocial.

Palavras-chave: Cuidadores informais; Doença de Alzheimer; Saúde mental; Sobrecarga emocional.

ABSTRACT

Alzheimer's disease is a progressive neurodegenerative condition that requires continuous care, often provided by family members without adequate preparation or support, which may cause emotional burden and affect informal caregivers' mental health, quality of life, and relationships. This study aims to analyze the emotional burden experienced by informal caregivers of people with Alzheimer's disease, considering its psychosocial impacts and the need for support; the specific objectives are to identify factors related to emotional burden, describe its psychosocial impacts, and discuss possibilities for psychological, psychosocial, and institutional support. This is a bibliographic research with a qualitative approach and descriptive character, carried out through the analysis of scientific productions and institutional documents related to the theme, selected from databases and journals in the fields of health and psychology, with a defined time frame and previously established inclusion criteria. The analyzed literature indicated that the emotional burden of informal caregivers is multidimensional, involving practical demands and subjective repercussions such as sadness, anxiety, helplessness, and anticipatory grief, as well as stress, social isolation, and impairments in professional life and self-care. Regarding support, the studies highlighted psychological counseling, support groups, psychoeducation, and multidisciplinary follow-up as relevant strategies, although Brazilian public policies aimed at this population are still limited. It was concluded that the emotional burden of informal caregivers of people with Alzheimer's constitutes a public health problem that demands institutional

recognition and expansion of psychological and psychosocial support services.

Keywords: Alzheimer's disease; Emotional burden; Informal care; Mental health.

1. INTRODUÇÃO

O crescimento expressivo dos casos de Doença de Alzheimer no Brasil está diretamente relacionado ao acelerado processo de envelhecimento populacional. Esse cenário tem contribuído para que familiares assumam, com cada vez mais frequência, o papel de cuidadores informais, ou seja, pessoas que prestam assistência contínua a um ente querido sem qualquer tipo de remuneração ou vínculo formal com serviços de saúde.

Esses cuidadores passam a exercer responsabilidades em tempo integral, dedicando grande parte do seu dia às necessidades físicas, emocionais e cognitivas do familiar adoecido. Conforme apontam Ximenes, Rico e Pedreira (2014), a falta de conhecimento sobre a doença e suas manifestações dificulta o manejo do cuidado, uma vez que muitos assumem essa função sem preparo técnico prévio. Pinto et al. (2009) destacam que a dedicação integral ao cuidado frequentemente reduz o tempo destinado ao autocuidado, ao lazer e às relações interpessoais, favorecendo sentimentos de irritabilidade, cansaço e desmotivação. A rotina de cuidados, muitas vezes exaustiva e ininterrupta, reduz significativamente o tempo disponível para o autocuidado e para o convívio com outras pessoas.

A insuficiência de suporte institucional é apontada na literatura como um dos fatores que podem contribuir para a sobrecarga psicológica e para o isolamento social desses cuidadores (Minayo,

2021). Ahnerth et al. (2020) evidenciam que a intensidade das demandas do cuidado pode dificultar a participação do cuidador em atividades sociais, favorecendo sentimentos de solidão, desamparo e sofrimento psíquico. Mattos e Kovács (2020) destacam que o cuidador convive diariamente com a perda gradual das capacidades cognitivas do ente adoecido, o que pode gerar sentimentos de tristeza, impotência e luto antecipatório. Essa realidade evidencia a vulnerabilidade emocional e social desse grupo, que permanece frequentemente invisível aos olhos das políticas públicas e da própria sociedade.

Diante desse contexto, torna-se essencial investigar de que maneira a sobrecarga emocional vivenciada no cotidiano do cuidado afeta a saúde mental e a qualidade de vida dos cuidadores informais de pessoas com Alzheimer. Compreender suas vivências, dificuldades e necessidades de apoio é o primeiro passo para ampliar o debate científico e social sobre o tema.

Além disso, a realização desta pesquisa justifica-se pela possibilidade de reunir e discutir conhecimentos sobre a sobrecarga emocional de cuidadores informais, identificando possibilidades de suporte e oferecendo subsídios para reflexão sobre o tema. Ao dar visibilidade ao sofrimento silencioso desses cuidadores, espera-se contribuir para o debate científico e social sobre a necessidade de reconhecimento, acolhimento e melhores condições de bem-estar para aqueles que, silenciosamente, dedicam suas vidas ao cuidado de outrem.

Diante do exposto, este estudo tem como objetivo geral analisar a sobrecarga emocional vivenciada por cuidadores informais de pessoas com Doença de Alzheimer, considerando seus impactos

psicossociais e a necessidade de suporte. Como objetivos específicos, pretende-se identificar os fatores relacionados à sobrecarga, descrever seus impactos psicossociais e discutir possibilidades de suporte psicológico, psicossocial e institucional.

2. A EXPERIÊNCIA DO CUIDADO: DEMANDAS, IMPACTOS E NECESSIDADE DE SUPORTE

2.1. Doença de Alzheimer e o Contexto do Cuidado Informal

A Doença de Alzheimer (DA) é um transtorno neurodegenerativo progressivo, caracterizado pela deterioração da memória e de funções cognitivas, além de alterações comportamentais e comprometimento das atividades diárias, afetando progressivamente a autonomia do indivíduo. A doença está associada a alterações no processamento de proteínas no sistema nervoso central, sendo considerada a forma mais comum de demência entre idosos (Ministério da Saúde, [s.d.]).

As manifestações clínicas iniciais incluem dificuldades relacionadas à memória recente, desorientação temporal e espacial e alterações sutis na linguagem. Com a progressão da doença, os sintomas tornam-se mais intensos, comprometendo significativamente a capacidade funcional do indivíduo (Manual MSD, 2020). Segundo Nitrini et al. (2005), o declínio cognitivo progressivo constitui um dos principais critérios diagnósticos da Doença de Alzheimer, estando diretamente relacionado à perda gradual da autonomia.

Ainda conforme o Manual MSD (2020), a evolução da doença ocorre de maneira gradual e divide-se em três estágios: inicial, intermediário e avançado. Na fase inicial, observam-se esquecimentos frequentes e dificuldades de concentração, muitas

vezes confundidos com o envelhecimento natural. Na fase intermediária, ocorre agravamento dos déficits cognitivos, desorientação e maior dependência nas atividades diárias. Já na fase avançada, há comprometimento severo da autonomia, perda significativa da linguagem e dependência total de cuidados.

Além dos aspectos clínicos, a Doença de Alzheimer provoca impactos significativos no contexto familiar e social. A perda progressiva da autonomia do indivíduo exige cuidados contínuos, geralmente assumidos por familiares, ocasionando mudanças na dinâmica familiar, reorganização de papéis e alterações na rotina cotidiana (Mendes; Santos, 2016).

Nesse contexto, destaca-se a figura do cuidador informal, entendido como aquele que presta assistência contínua ao indivíduo dependente sem remuneração financeira, geralmente por meio de vínculos familiares, afetivos ou de convivência. Conforme Cruz et al. (2010, p. 128), “o cuidado informal sobrevém da prestação de cuidados a pessoas dependentes por parte de família, amigos, vizinhos ou outros grupos de pessoas, não remunerados economicamente pelos cuidados que prestam, assumindo assim o papel de cuidador informal”.

O cuidado, entretanto, ultrapassa a dimensão técnica e envolve aspectos éticos, afetivos e humanos. Para Boff (2011), cuidar representa uma atitude de responsabilidade, preocupação e envolvimento com o outro, sendo uma dimensão essencial da existência humana. Ainda segundo o autor:

Cuidar é mais que um ato, é uma atitude. Portanto abrange mais que um momento de atenção, de zelo e desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilidade com o outro. [...] Sem o cuidado o ser humano deixa de ser humano. Se não recebe cuidado desde o nascimento até a morte, o ser humano desestrutura-se, definha, perde sentido e morre (Boff, 2011, p. 33-190).

No caso da Doença de Alzheimer, o cuidador passa a assumir responsabilidades progressivamente maiores à medida que a doença evolui. Conforme Mattos e Kovács (2020), inicialmente o cuidado envolve supervisão e auxílio parcial, mas, com o avanço da doença, o cuidador passa a desempenhar funções relacionadas à higiene, alimentação, vestuário, comunicação e demais atividades básicas da vida diária.

Além disso, o cuidado informal frequentemente é exercido sem preparo técnico adequado, o que pode gerar insegurança diante das demandas do paciente. Segundo Ximenes, Rico e Pedreira (2014), a falta de conhecimento sobre a doença e suas manifestações dificulta o manejo do cuidado e pode intensificar o desgaste emocional do cuidador.

Dessa forma, a Doença de Alzheimer deve ser compreendida não apenas como uma condição clínica individual, mas como um fenômeno que afeta diretamente toda a dinâmica familiar e social, atingindo especialmente os cuidadores informais, que muitas vezes assumem essa função sem suporte adequado (Mendes; Santos, 2016). Conforme Mattos e Kovács (2020), com a progressão da DA, os familiares convivem com alterações do ente adoecido, o que gera sentimentos de tristeza e sofrimento emocional. O cuidador

presencia a perda gradual das capacidades cognitivas da pessoa cuidada, necessitando adaptar constantemente sua rotina e suas relações familiares. Nesse sentido, o cuidado em casos de Alzheimer envolve não apenas demandas físicas, mas também aspectos afetivos, psicológicos e sociais que exigem suporte e atenção ao cuidador informal.

2.2. Sobrecarga Emocional e Impactos Psicossociais do Cuidado Contínuo

Segundo Junior et al. (2025), o cuidado contínuo de pessoas com Doença de Alzheimer está associado a elevados níveis de estresse e sobrecarga, produzindo impactos negativos tanto na saúde física quanto psicológica do cuidador, especialmente quando exercido por longos períodos e sem suporte adequado.

Nesse contexto, os cuidadores passam a reorganizar completamente sua rotina em função das necessidades do familiar adoecido. Conforme Pinto et al. (2009, p. 653), "as demandas de cuidados produzidos pela DA e por necessidades de saúde do idoso influenciam o cotidiano do cuidador e alteram sua qualidade de vida".

A sobrecarga vivenciada pelos cuidadores pode manifestar-se de diferentes formas. Cardoso et al. (2012) descrevem a existência de duas dimensões principais: a sobrecarga objetiva, relacionada às demandas práticas do cuidado, como aumento de responsabilidades, alterações na rotina e restrições das atividades cotidianas; e a sobrecarga subjetiva, ligada às emoções, preocupações e sentimentos decorrentes da responsabilidade pelo ente adoecido.

Nesse sentido, a sobrecarga do cuidador caracteriza-se como um fenômeno que envolve aspectos físicos, emocionais e psicológicos. Segundo Seima, Lenardt e Caldas (2014), o acúmulo contínuo de responsabilidades pode provocar desgaste físico e emocional, comprometendo o equilíbrio psicológico do cuidador. Além disso, a necessidade constante de assistência ao indivíduo que está sendo cuidado favorece situações de estresse e exaustão emocional.

Outro aspecto importante refere-se às mudanças na rotina do cuidador. Pinto et al. (2009) destacam que a dedicação integral ao cuidado frequentemente reduz o tempo destinado ao autocuidado, ao lazer e às relações interpessoais, favorecendo sentimentos de irritabilidade, cansaço e desmotivação. Em muitos casos, o cuidador passa a priorizar exclusivamente as necessidades da pessoa doente, negligenciando sua própria saúde física e emocional.

Essa realidade também pode afetar diretamente a vida profissional do cuidador. Conforme Minayo (2021), muitos familiares precisam reduzir jornadas de trabalho, abandonar atividades profissionais ou adaptar completamente sua rotina em função das demandas do cuidado contínuo. Tal situação pode gerar dificuldades financeiras, insegurança econômica e aumento do sofrimento emocional, especialmente quando o cuidador não dispõe de rede de apoio familiar ou institucional.

Além das dificuldades práticas, o cuidador convive diariamente com a perda gradual das capacidades cognitivas e funcionais do ente doente. Com a evolução da doença, tornam-se mais frequentes situações de dependência e alterações comportamentais, exigindo maior dedicação emocional do cuidador. Mattos e Kovács (2020)

destacam que esse processo pode gerar sentimentos de tristeza, impotência e luto antecipatório.

Nesse sentido, os impactos são expressivos:

Cuidar sempre afeta a vida da cuidadora. Em estudos que as comparam com a população em geral, são representadas com pior saúde física, mais frequente uso de medicamentos, taxas elevadas de depressão e ansiedade, estresse, menor satisfação com a vida e sensação de sobrecarga. Existem evidências de que o comprometimento cognitivo e a doença mental do idoso são mais onerosos para quem cuida deles, do que os problemas físicos (Minayo, 2021, p. 9).

Outro aspecto relevante refere-se ao impacto da sobrecarga emocional nas relações familiares e afetivas do cuidador. Seima, Lenardt e Caldas (2014) apontam que a dedicação contínua ao cuidado pode gerar conflitos familiares, sentimentos de incompreensão e dificuldades na divisão das responsabilidades entre os membros da família. Em muitos casos, o cuidador principal assume sozinho grande parte das tarefas relacionadas ao cuidado, acumulando funções e reduzindo significativamente o tempo destinado à própria vida pessoal.

O isolamento social também se apresenta como uma consequência frequente da sobrecarga emocional. De acordo com Ahnerth et al. (2020), a intensidade das demandas do cuidado pode dificultar a participação do cuidador em atividades sociais, momentos de lazer e convivência com amigos e familiares. Com o passar do tempo, esse afastamento pode favorecer sentimentos de solidão, desamparo e

sofrimento psíquico, comprometendo ainda mais sua qualidade de vida.

Dessa forma, observa-se que a sobrecarga emocional do cuidador informal ultrapassa as demandas práticas relacionadas ao cuidado diário. Como destacam Cardoso et al. (2012), trata-se de um fenômeno complexo, que envolve repercussões físicas, emocionais, sociais e psicológicas capazes de afetar profundamente diferentes dimensões da vida do cuidador, evidenciando a necessidade de maior atenção e suporte a esse público.

2.3. Necessidade de Apoio, Reconhecimento e Intervenções Psicossociais Ao Cuidador

Apesar dos impactos físicos e emocionais decorrentes do cuidado contínuo, muitos cuidadores apresentam dificuldades em reconhecer sua própria necessidade de apoio psicológico e social. Conforme Ahnerth et al. (2020), frequentemente, o vínculo afetivo, o sentimento de responsabilidade e a naturalização do cuidado fazem com que o cuidador priorize exclusivamente as necessidades do familiar adoecido, negligenciando sua própria saúde e bem-estar.

Ainda segundo Ahnerth et al. (2020, p. 9), “é notável que o envolvimento com a pessoa em sofrimento mental é tão intenso que o cuidador não percebe que está adoecendo”. Essa dificuldade de percepção pode contribuir para o agravamento da sobrecarga emocional e para o desenvolvimento de sofrimento psíquico.

De acordo com Cabral e Nunes (2015), a pouca atenção do cuidador às próprias necessidades pode estar relacionada a processos subjetivos inconscientes. Em muitos casos, o cuidado associa-se à busca por reconhecimento, valorização pessoal ou retorno afetivo,

fazendo com que o cuidador negligencie seus próprios limites emocionais.

Além disso, Minayo (2021) aponta que muitos cuidadores enfrentam dificuldades para buscar suporte psicológico e social, seja pela falta de tempo, pelo desgaste provocado pela rotina de cuidados ou pela ausência de serviços especializados voltados a esse público. Em diversos contextos, o cuidador assume integralmente as responsabilidades relacionadas ao cuidado, reduzindo progressivamente o contato social e as possibilidades de autocuidado.

Como defende Minayo (2021), o suporte psicológico é fundamental para o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento e fortalecimento emocional do cuidador. O acompanhamento psicológico pode contribuir para o desenvolvimento de estratégias para o reconhecimento dos próprios limites, além de favorecer espaços de escuta e acolhimento diante do sofrimento vivenciado.

As intervenções psicossociais também possuem papel importante na promoção do bem-estar dos cuidadores. Junior et al. (2025) destacam que grupos de apoio, ações de psicoeducação e acompanhamento multiprofissional podem contribuir para ampliar o conhecimento sobre a Doença de Alzheimer e reduzir sentimentos de insegurança e isolamento.

Conforme Ximenes, Rico e Pedreira (2014), a orientação profissional é importante para o manejo das demandas do cuidado, já que muitos cuidadores exercem essa função sem preparo técnico adequado. O acesso à informação e à orientação especializada pode auxiliar na

compreensão da doença e na adoção de estratégias mais adequadas de cuidado.

No entanto, as políticas públicas direcionadas aos cuidadores informais ainda apresentam limitações significativas no Brasil. Conforme Minayo (2021), a responsabilidade pelo cuidado de idosos dependentes permanece concentrada principalmente nas famílias, especialmente diante do crescimento acelerado da população idosa e do aumento das situações de dependência funcional.

Ainda segundo Minayo (2021), embora as políticas de desospitalização e desinstitucionalização incentivem a permanência do idoso no ambiente domiciliar, frequentemente não são oferecidas condições adequadas de suporte às famílias e aos cuidadores. Dessa forma, responsabilidades que deveriam ser compartilhadas pelo Estado acabam sendo assumidas quase exclusivamente pelos familiares.

Observa-se também insuficiência de serviços especializados voltados à saúde mental do cuidador, bem como limitações no acesso a atendimento psicológico, acompanhamento multiprofissional e programas de apoio continuado. De acordo com Ahnerth et al. (2020), essa realidade contribui para a invisibilidade social do sofrimento vivenciado pelos cuidadores informais o que agrava ainda mais a sobrecarga emocional.

Nesse cenário, torna-se fundamental a implementação de políticas públicas e intervenções psicossociais que promovam suporte emocional, orientação profissional e melhores condições de cuidado aos familiares responsáveis por pessoas com Doença de Alzheimer. Conforme Junior et al. (2025), estratégias como grupos terapêuticos,

acolhimento psicológico, assistência multiprofissional e fortalecimento das redes de apoio podem contribuir significativamente para a redução da sobrecarga emocional e para a promoção da qualidade de vida do cuidador.

Dessa forma, como argumenta Boff (2011), compreender a necessidade de reconhecimento e apoio ao cuidador informal torna-se essencial para a promoção da saúde mental e para a construção de práticas de cuidado mais humanizadas, compartilhadas e socialmente assistidas.

3. CONSIDERAÇÕES E RESULTADOS

A análise da literatura permitiu identificar que os cuidadores informais de pessoas com Doença de Alzheimer vivenciam elevados níveis de sobrecarga emocional em decorrência das demandas contínuas do cuidado, da reorganização da rotina e do aumento progressivo da dependência do ente adoecido. Os estudos analisados indicaram que o cuidado prolongado está diretamente relacionado ao desgaste físico e psicológico, favorecendo sentimentos de estresse, exaustão e sofrimento emocional.

Em relação aos impactos psicossociais, a literatura consultada permitiu identificar que a sobrecarga emocional afeta significativamente a saúde mental e a qualidade de vida dos cuidadores informais, provocando impactos nas relações familiares, sociais e profissionais. Os estudos apontaram a presença de sintomas relacionados à ansiedade, tristeza, isolamento social e redução do tempo destinado ao autocuidado e às atividades pessoais.

A análise também evidenciou que muitos cuidadores apresentam dificuldades em reconhecer sua própria necessidade de apoio psicológico e social, priorizando exclusivamente as demandas do familiar adoecido. Fatores emocionais, afetivos e culturais contribuem para a negligência das próprias necessidades e para a naturalização da sobrecarga vivenciada no cotidiano do cuidado.

Quanto às possibilidades de suporte, os trabalhos analisados destacaram que a ausência de suporte psicológico, social e institucional contribui para o agravamento da sobrecarga emocional dos cuidadores informais. As políticas públicas brasileiras ainda são insuficientes para atender às demandas desse público, especialmente diante do crescimento acelerado da população idosa e do aumento das situações de dependência funcional. Intervenções psicossociais, redes de apoio, psicoeducação e orientação profissional podem contribuir significativamente para a promoção da saúde mental e da qualidade de vida desse público.

Concluiu-se que a sobrecarga emocional vivenciada por cuidadores informais de pessoas com Doença de Alzheimer constitui um problema de saúde pública que demanda reconhecimento institucional e ampliação de serviços de suporte psicológico e psicossocial.

A opção por uma pesquisa bibliográfica delimita este estudo ao plano teórico, o que impede generalizações empíricas. Como possibilidade de continuidade, sugere-se a realização de estudos de campo que possam ouvir diretamente os cuidadores informais, bem como pesquisas que avaliem a efetividade de intervenções psicológicas e psicossociais voltadas a esse público.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AHNERTH, Neli Machado de Souza et al. “A Gente Fica Doente Também”: percepção do cuidador familiar sobre o seu adoecimento.

Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia, v. 13, n. 1, p. 1-20, 2020. DOI: <https://doi.org/10.36298/gerais2020130106>. Disponível em: https://pepsic.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202020000100007. Acesso em: 20 mar. 2026.

CABRAL, Bárbara Pires de Andrade Lage; NUNES, Cionara Maria Pérez. Percepções do cuidador familiar sobre o cuidado prestado ao idoso hospitalizado. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 26, n. 1, p. 118-127, 2015. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v26i1p118-127>. Disponível em: https://revistas.usp.br/rto/pt_BR/article/view/79939/96384. Acesso em: 25 mar. 2026.

CARDOSO, Lucilene et al. Perspectivas atuais sobre a sobrecarga do cuidador em saúde mental. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 46, n. 2, p. 513-517, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0080-62342012000200033>. Disponível em: https://www.scielo.br/j/reeusp/a/PwJ4DYfpkhhmR6QsSL8KvKyw/?format=html&lang=pt&ilang=pt_BR. Acesso em: 20 mar. 2026.

CRUZ, Dídia Carolina Miranda et al. As vivências do cuidador informal do idoso dependente. **Revista de Enfermagem Referência**, n. 2, p. 127-136, 2010. Disponível em: http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-02832010000400014&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 1 abr. 2026.

JUNIOR, Manoel Borges da Silva et al. Saúde mental e sobrecarga de trabalho de cuidadores informais: um estudo misto. **Revista**

Brasileira de Medicina do Trabalho, v. 23, n. 2, p. 1-11, 2025. DOI: 10.47626/1679-4435-2025-1409:e20251409. Disponível em: <https://www.rbmt.org.br/Content/pdf/v23n2e20251409.pdf>. Acesso em: 1 abr. 2026.

MANUAL MSD. Doença de Alzheimer. [S. l.]: MSD, 2020. Disponível em: <https://www.msdmanuals.com/pt/profissional/dist%C3%BArbios-neurol%C3%B3gicos/delirium-e-dem%C3%A2ncia/doen%C3%A7a-de-alzheimer>. Acesso em: 23 mar. 2026.

MATTOS, Emanuela Bezerra Torres; KOVÁCS, Maria Julia. Doença de Alzheimer: a experiência única de cuidadores familiares. **Psicologia USP**, v. 31, e190023, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-6564e18002>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/qd778Gh8P376xvkrqjb5pRm/?lang=pt>. Acesso em: 23 mar. 2026.

MENDES, Cinthia Filgueira Maciel; SANTOS, Anderson Lineu Siqueira dos. O cuidado na doença de Alzheimer: as representações sociais dos cuidadores familiares. **Saúde e Sociedade**, v. 25, n. 1, p. 121-132, mar. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902015142591>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/ny9dmKybVjRLQctPDQxnGZp/?lang=pt>. Acesso em: 1 abr. 2026.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Cuidar de quem cuida de idosos dependentes: por uma política necessária e urgente. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 1, p. 7-15, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020261.30872020>. Disponível em: https://www.scielo.br/j/csc/a/54VDDz9vWN5hhhPXXJYbhcC/?format=html&lang=pt&ilang=pt_BR. Acesso em: 1 abr. 2026.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (Brasil). Alzheimer. Brasília, DF: Ministério da Saúde, [s.d.]. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/a/alzheimer>. Acesso em: 23 mar. 2026.

NITRINI, Ricardo et al. Diagnóstico de doença de Alzheimer no Brasil: avaliação cognitiva e funcional. Recomendações do Departamento Científico de Neurologia Cognitiva e do Envelhecimento da Academia Brasileira de Neurologia. **Arquivos de Neuro-Psiquiatria**, v. 63, n. 3-A, p. 720-727, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0004-282X2005000400034>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anp/a/xwZHYJ7w75r67NGtYDFdGhL/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 1 abr. 2026.

PINTO, Meiry Fernanda et al. Qualidade de vida de cuidadores de idosos com doença de Alzheimer. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 22, n. 5, p. 652-657, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-21002009000500009>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/g3prCnVygdQrKqVMZ4gHh8j/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 22 mar. 2026.

SEIMA, Márcia Daniele; LENARDT, Maria Helena; CALDAS, Célia Pereira. Relação no cuidado entre o cuidador familiar e o idoso com Alzheimer. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 67, n. 2, p. 233-240, 2014. DOI: <https://doi.org/10.5935/003407167.20140031>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/9yw85WQcHq5RT6RpVmssvxg/?lang=pt>. Acesso em: 1 abr. 2026.

XIMENES, Maria Amelia; RICO, Bianca Lourdes Duarte; PEDREIRA, Raíza Quaresma. Doença de Alzheimer: a dependência e o cuidado. **Revista Kairós-Gerontologia**, v. 17, n. 2, p. 121-140, 2014. DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2014v17i2p121-140>. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/21630>. Acesso em: 26 mar. 2026.

¹ Acadêmica do Curso de Psicologia da Faculdade de Educação Santa Terezinha-FEST, Imperatriz-MA. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)

² Professora Especialista do Curso de Psicologia da Faculdade de Educação Santa Terezinha-FEST, Imperatriz-MA. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)